



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A CONTRIBUIÇÃO DA NARRATIVA FÍLMICA PARA UMA REFLEXÃO SOBRE  
AS EXPERIÊNCIAS DO PERCURSO VIVENCIAL NO SÉCULO XX, DE *TEMPOS*  
*MODERNOS A MATRIX*<sup>1</sup>

Telenia Hill

Professora dos Cursos de Pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ  
Orientadora habilitada pelo CNPq. Professora de Teoria da Comunicação do  
Departamento de Comunicação e Cultura do Centro de Pessoal do Exército – Forte  
Duque de Caxias - RJ

RESUMO: Ao ratificar-se que o legado da razão, deixado à contemporaneidade pelo Iluminismo, não atingiu os objetivos previstos no que toca à emancipação do homem, busca-se rever as experiências do percurso vivencial que se marca de *Tempos modernos a Matrix*. Acentua-se, nos tempos de hoje, o desgaste da liberdade, em que seres humanos se robotizam cada vez mais para atenderem aos reclamos de uma era altamente tecnologizada. Como o homem resgatará a perda paulatina de sua humanidade? Dentre outras opções, terá de repensar o real e o possível para reconstruir, a partir da sociedade e do Estado, um multiculturalismo democrático? Ou, em oposição a um reducionismo dissimulado, reagirá, como lhe é de direito, instalando um novo pensar em que sua natureza complexa falará mais alto, diante de um futuro indefinido mas cada vez mais próximo?

Palavras-chave: liberdade, reducionismo, complexidade

*Eis que perguntam e perguntam, e jamais se cansam:  
como se vai conservar o homem da melhor maneira, a  
mais duradoura, a mais agradável? Por tudo isso, eles  
são os mestres de hoje.*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Nietzsche, *Assim falava Zaratustra*

A obsessão de buscar, cada vez mais, uma maneira *melhor*, mais *duradoura* e mais *agradável* de conservar o homem, faz com que ele seja eleito pelos seus pares como mestre e também como dominador da natureza e de seus semelhantes. E para se refletir sobre isso tem-se de acompanhar as conquistas ao longo da história. Cada conquista, cada invenção foi um passo dado em direção ao progresso, no pretense domínio da liberdade e do mundo.

Uma nova era começa a se delinear, e, no século XVIII, assinala-se Voltaire, que viveu o paradoxo da submissão às benesses da vida da corte e do questionamento que ele mesmo fazia da sociedade. E também, no século XIX, tem-se Baudelaire, que viveu a própria modernidade, no sentido de libertar-se das convenções da poesia e da sociedade. É dele a frase “Passant, sois moderne”, *moderno* aí no sentido vivencial de conquista cotidiana de sua liberdade.

É igualmente no século XVIII que eclode a civilização industrial e que a cultura de massa toma vulto. O corpo humano, com todos os seus atributos, se racionaliza e se insere na política do consumo, passando a ser visto como mais um objeto a ser usado. A burguesia começa a ascender, e o espaço tecnológico vai pensar o homem como instrumento de poder.

No fim deste século (entre 1892 e 1893), Henry Ford, após ter construído peça a peça, sua primeira viatura – um quadriciclo com motor de 4cv refrigerado a água –, cria, no início do século XX, a Henry Ford Company, sociedade de estudos e pesquisas, e, pouco depois, a Ford Motor Company, que se transforma no mais possante empreendimento industrial dos EEUU. Ford lançou a produção em série e instituiu a padronização das peças principais, com a finalidade de agilizar a montagem de cada conjunto. Foi um dos primeiros a considerar a exportação como meio de expansão comercial.

Em 1929, acontece nos EEUU a crise econômica, com a quebra da Bolsa, que vai repercutir em todo o mundo; e o painel de *Tempos modernos* se compõe neste contexto.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Nas artes constata-se significativas mudanças. Em 1932, Hollywood aperfeiçoa os gêneros padronizados do filme sonoro, que continham grande realismo, mas nada de excepcional cinematograficamente. As histórias eram narradas com simplicidade, expondo opiniões rudimentares sobre as condições sociais.

Em 1933 há uma revisão do código que controlava a moral na tela e infligia sérias penalidades. A partir daí, Hollywood passa por grandes transformações, o que propicia o lançamento de *Tempos modernos*.

Apesar da declaração de Chaplin – *Meu objetivo principal com esse filme é ... divertir* –, em realidade, ao tomar-se *Tempos modernos* como ponto de partida para uma reflexão sobre a condição do homem na contemporaneidade, extrapola-se o objetivo do filme como simples diversão. “O doce vagabundo, um espírito lírico oprimido no mundo do dinheiro e da violência, tinha o trunfo de não precisar falar; sua agilidade e esperteza compensavam a mudez e a comovedora miséria. Quando os diálogos chegaram às telas, não faria sentido submeter Carlitos a mais essa imposição dos tempos modernos.” O filme ironiza, numa barafunda sonora de engrenagens e vozes indistintas, a era da pressa, da ansiedade e de uma crise econômica e social.

Para um público não muito preparado, *Tempos modernos* despertou reações negativas: a mudez, um atraso; as piadas, sem graça; a crítica, uma tendência para a esquerda, comprometedoras. Até a cena em que Carlitos pega inadvertidamente uma bandeira vermelha que cai de um caminhão e é seguido, como se líder fosse, por uma multidão de operários, é incompreendida como manifestação de ironia no que toca à credulidade das massas num período de grande recessão, e interpretada como manifestação de adesão ao Comunismo.

O confronto de Carlitos com a robotização de uma linha de montagem, numa crítica severa ao fordismo, pareceu, contraditoriamente, oposição ao progresso. Nem o lirismo, que atinge o clímax no romance com a bela moça (Paulette Godard), outra discriminada e perseguida, ou o humor – as gostosas confusões na fábrica, numa loja de departamentos, num restaurante –, que perpassam todo o filme suavizam a postura intransigente dos expectadores. Parece óbvio afirmar que, hoje, *Tempos modernos* é



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

considerado obra-prima, resultado de uma óptica genial da época, que se pode considerar atual, como rica fonte que estimula pensar a contemporaneidade.

Segundo Roland Barthes, para Carlitos o proletário é ainda um homem que tem fome: as representações da fome são sempre épicas: tamanho desmedido de sanduíches, abundância de leite, frutos que se jogam fora negligentemente, apenas mordidos. Por ironia, “a máquina de comer”, de essência patronal, só fornece alimentos em série e visivelmente em processo de deterioração.

Está-se em Hollywood, onde se pode sentir “a certeza do espaço, do crescimento da liberdade, do futuro”. Apesar de toda essa ambiência ideal, Carlitos questiona, com seu estilo cáustico, “as belas certezas americanas”.

Carlitos é a caricatura séria de um homem inocente. E é justamente a partir de seu ridículo e de sua alienação que se começa a refletir sobre o semelhante. A alimentação não está ligada à necessidade de viver, se dá de comer como se lubrifica uma máquina, para garantir seu pleno funcionamento. Organiza-se, então, uma “máquina de comer”, ignorando-se a natureza humana, que não se reduz, na função alimentar, aos meios indispensáveis à deglutição. Carlitos não verá jamais sua fome satisfeita. Mas não tem consciência disso e não reage. Elabora-se uma estratégia para que o personagem reconheça sua verdadeira condição, “quando o pobre e o proletário coincidem sob o olhar (e os golpes) da polícia”.

Historicamente, Carlitos, por sua falta de jeito, é o proletário “revoltado” contra a máquina, fascinado pelo problema do pão, no sentido próprio do termo, mas ainda incapaz de aceder ao conhecimento das causas políticas e à exigência de uma estratégia coletiva. Visando ao homem acima de tudo, Carlitos relativiza o resto, o que faz com que cada um seja levado a refletir sobre a humanidade de seus atos.

Chaplin põe diante de nós um personagem que não tem a devida capacidade para dimensionar a conseqüência de seus atos, conseqüência que é apreendida mais agudamente por quem desempenha o papel de espectador.

Na segunda metade do século XX, o maio 68 na França e no Brasil vai contestar e desmascarar, principalmente na França, a hipocrisia burguesa. No Brasil, o movimento



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

teve cunho mais político, apesar de sua repercussão social. É naquela década de 60 que Hannah Arendt já denunciava, numa democracia falsa, a condição crescente do cidadão como objeto cada vez mais desrespeitado em sua integridade, pela conjuntura deste mundo contemporâneo, exibido como mundo globalizado. E, graças a este *status quo*, a indústria cultural faz surgir o homem japonês como o protótipo do homem moderno, que vive uma relação paternalista com o patrão, mas que paga um grande tributo pela perda de sua autêntica liberdade.

Conceitos como *cultura global, modernidade e pós-modernidade* são sempre expressos, mas nem sempre devidamente justificados e inseridos com adequação em seus contextos históricos. É preciso que esses temas sejam tratados com equilíbrio e isenção, apontando a diversidade de ópticas que coexistem e contribuem para a diferenciação de seus significados, condicionados a seus contextos geradores. As sociedades modernas e, se quiserem, as pós-modernas, vivem em constante mudança que, paradoxalmente, convergem para uma tentativa de padronização. Daí as idéias de *sociedade de informação*, e tantas outras que visam, o mais possível, à homogeneização. Embora autores como Nestor G. Canclini tenham uma óptica mais otimista do momento que vivemos, procurando articular o consumo com um exercício refletido da cidadania, assiste-se, principalmente nos países do Terceiro Mundo, a um empobrecimento drástico do povo, ao desemprego, à exploração do pobre pelo rico, e até mesmo a certa perda de identidade. Há o perigo de a atuação globalizadora da cultura tornar-se uma força que escapa ao controle da sociedade.

Após os acontecimentos do 11 de setembro em Nova Iorque, em registro caricatural, o editorial do *Wall Street Journal Europe* de 24.09.2001, sob o título “Adeus, Seattle?”, veicula matéria tendenciosa ao considerar os manifestantes do movimento antiglobalização como praticantes de terrorismo ideológico. Com argumentos falhos que justificam as “vantagens” da globalização, os pró- globalização tentam pintá-los como companheiros de jornada de Bin Laden. Esta é a reação do reinado planetário dos mercados financeiros. Como relata o jornalista Bernard Cassen, o órgão da Bolsa de Valores de Nova Iorque ratifica: “a) os manifestantes antiglobalização de Seattle, Gotemburgo e Gênova são indivíduos violentos e hostis à



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

democracia; b) os manifestantes compartilhavam determinados objetivos dos terroristas que destruíram o World Trade Center e danificaram o Pentágono”<sup>1</sup>

O exemplo citado ilustra com bastante clareza o reducionismo a que chega uma política que cultua o capital como Deus.

É mais do que sabido que a globalização, na contemporaneidade, é regida por uma óptica econômica. Constata-se uma dicotomia entre os proprietários dos meios de produção, ou, seja, do capital (máquinas, equipamentos, terras, instalações, etc.) e os trabalhadores que vendem àqueles sua força de trabalho. Os primeiros, em minoria, não são produtores diretos, e quando não administram pessoalmente seus negócios, o fazem por meio de representantes, gerentes, burocratas executivos. Os trabalhadores, em maioria, recebem salários inferiores ao valor real de seu trabalho, contribuindo para aumentar sempre mais o lucro capitalista. Com esse

1. *Jornal do Brasil*, 27.09.01 – Internacional, fl. 8

procedimento ocorre a dominação de extensas áreas do planeta. Concretiza-se a reprodução internacional do capital, que nutre a reprodução em conjunto das condições materiais e espirituais da apropriação do excedente econômico, gerado pela força de trabalho nos países menos desenvolvidos e dependentes. Resultará daí uma enorme concentração de capital controlado de modo privado por um grupo relativamente pequeno de pessoas, impessoalizadas em empresas, em estreita relação com o poder estatal.

O Estado cria leis que viabilizam a penetração e a instalação de empresas multinacionais, utilizando-se ele próprio desses estabelecimentos; concede regalias na cobrança de impostos e tarifas, busca recursos que supram a mão-de-obra, disponibiliza financiamentos a longo prazo, além de promover o desenvolvimento tecnológico, etc. Como retribuição, recebe o apoio da burguesia, ou, seja, do capital, que concorre para a sustentação e fortalecimento de seu poder político.

Desde criança, o homem contemporâneo é ensinado a supervalorizar o dinheiro para cada vez mais aumentar a possibilidade de consumir, o que lhe confere mais prestígio



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

como componente da sociedade do “ter”. “Ter” ou “sonhar em ter” constituem condições que se confundem no nível do imaginário e se abrigam apoteoticamente nos *shopping centers*, templos de consumo multinacional.

Produzindo símbolos, construindo um mundo de fantasias para preencher carências reais e simular uma felicidade liberada pelo uso de cartões de crédito, cada vez mais se acentuam, na contemporaneidade, as diferenças de classe, de consumo e de cultura.

Na contramão do capital volátil e sem fronteiras, da revolução tecnológica, da comunicação instantânea e das possibilidades que se abrem por essas novas condições econômicas, há uma grande parcela pobre da população mundial, que vagueia pelo mundo (incluídos aí os cinquenta milhões de “deslocados” contabilizados pela ONU), caracterizada pela prática da violência nas metrópoles, ou “prejudicando” os planos de desenvolvimento das grandes agências mundiais, no cômputo geral dos índices de estabilidade que convergem para expectativas de investimento. São os “excluídos globais”, inadaptados, consumidores falhos, irreabilitáveis para o mundo do trabalho, porque a sociedade os dispensa, por constituírem “ameaça” aos incluídos globais.

Em oposição ao que prescrevem os interesses mercantilistas dos poderosos, os componentes de uma sociedade não podem ser reduzidos a mercadoria ou *àquele que paga e àquele que recebe*, porque, tudo nessa troca, entre seres humanos, se efetua por meio do trabalho que realizam e do que usufruem da natureza.

Uma *sociedade* de mercado, ao contrário de uma *economia* de mercado, jamais vingará porque a sociedade, que tem como atores os homens, necessita de instituições que estejam coerentes com seus objetivos como liberdade, justiça e política social. O crescimento da *sociedade* global, se isto é possível de acontecer, tem-se defasado relativamente ao crescimento da *economia* global.

Ao invés de se considerar utópica a óptica de Canclini e seus seguidores, pode-se torná-la objeto de estudo, como um foco de esperança no exame do quase irreversível processo de consumo. Segundo este autor, tecem-se críticas apocalípticas, cuja dimensão individualista que se atribui ao consumidor faz com que, como cidadãos, os homens se alienem das condições comuns, da desigualdade e da solidariedade para com



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

os outros. Se de um lado isto pode ocorrer, de outro, o alargamento das comunicações e do consumo pode contribuir para a formação de associações de consumidores e para a provocação de lutas sociais, ainda que de minorias, que têm possibilidade de se informarem melhor sobre a situação em níveis nacional e internacional.

Aceitando o desafio do *status quo*, Canclini busca repensar a cidadania, a partir de uma interação com o consumo, no que toca ao resgate das tarefas propriamente culturais, de sua dissolução no mercado ou na política: um repensar do real e do possível, reconstruindo um multiculturalismo democrático.

Tomando diretriz diferente da de Canclini, Edgar Morin oferece condições de pensar a realidade moderna sob outro ângulo, o da complexidade, de acordo com a natureza do mundo contemporâneo.

Os cientistas de hoje se vêm cada vez mais em confronto com novas verdades e com incertezas sobre algumas verdades há muito estabelecidas. Felizmente, na comunidade acadêmica e fora dela já existe a preocupação de se refletir sobre os problemas éticos e morais da ciência contemporânea. E Edgar Morin vai denunciar esses problemas, em que avultam os múltiplos poderes de manipulação que provêm das tecnociências e impõem ao cientista, ao cidadão e à humanidade o controle político das descobertas científicas. Por outro lado, ele vai indicar a necessidade epistemológica de um novo paradigma que rompa os limites do determinismo e da simplificação, e incorpore o acaso, a probabilidade e a incerteza como parâmetros necessários à compreensão da realidade

Morin se coloca em oposição ao paradigma clássico da simplificação, concebendo os fundamentos do novo paradigma complexo, que amplia os horizontes da explicação científica, tanto nas ciências físicas e biológicas como nas ciências sociais. O pensamento complexo vem, justamente, se opor ao pensamento único, imposto pela globalização.

Não é novidade que a ciência clássica orientou-se por um paradigma de simplificação, com as grandes características da disjunção e da redução. Ele estabelece um tipo de





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

pensamento que concebe o objeto, apartado do seu contexto; separa o físico e o biológico, neutralizando o biológico na sua complexidade e reduzindo-o ao físico; separa o biológico do humano, neutralizando o humano, reduzindo-o ao biológico; separa as categorias, as disciplinas, etc.

O paradigma unificador do Ocidente dá origem a realizações eminentemente disjuntivas, redutoras e essencialmente unidimensionais.

A disjunção conduz à catalogação de elementos que não se relacionam; e a redução anula a diferenciação, promovendo uma unificação aleatória em detrimento de outras que privilegiam um elemento abstrato e substitui a diversidade. O paradigma da simplificação não concebe o uno no múltiplo, ou o múltiplo no uno. Uno e múltiplo são vistos em separado, sem se interrelacionarem.

Pode-se aí retornar ao século XVII, com Descartes, que formulou o chamado “grande paradigma do Ocidente”. Este paradigma estabeleceu a dicotomia entre o que era peculiar ao sujeito, o *pensar*, do domínio da filosofia, e a *coisa*, objeto, do domínio da ciência. Marca-se, assim, a separação e, mesmo, a oposição entre filosofia e ciência, trazendo como conseqüência uma concepção unilateral, falha e mutiladora de cada uma.

Nossos antepassados mais primitivos viveram no mundo da magia e dos mitos; foram eles que criaram e desenvolveram os instrumentos, as técnicas, os arcos, as flechas, a cerâmica. Todas as sociedades, incluindo as arcaicas desenvolveram um saber científico. Mas este saber não vigorou dissociado da esfera do imaginário, como ocorreu nas sociedades ocidentais.

Apesar da reflexão que se faz sobre a Ciência, a Razão e o Progresso modernos, do ponto de vista da racionalidade, sabemos que também a desrazão muitas vezes está neles contida. Isto se faz sentir, de maneira geral, em instituições, como a Universidade, Institutos de saber científico, Congregações, etc.

A razão e a desrazão, o mau e o bom senso é que regem o mundo. Como ser existencial, não é possível abrir-se mão da óptica epistemológica, que se vale do diverso, do híbrido, por oposição ao idêntico e ao puro.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

E Morin assinala que a vida se alimenta de impurezas, ou, seja, a realização e o desenvolvimento da ciência, da lógica, do pensamento tem necessidade dessas impurezas. Aí ele aponta o problema e a dificuldade da complexidade quando se permanece no interior de conceitos claros, fáceis, para se conceber a ciência, o conhecimento, o mundo em que se vive; a dificuldade e a complexidade de cada um se conceber a si na relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

O filme *Matrix*, apesar da parafernália tecnológica, procura demonstrar, com clareza, as transformações que se operam para um novo nascimento do ser. Entretanto, a autêntica ressurreição se vale de um recurso altamente complexo que implica o sentimento humano.

Escrito e dirigido por The Wachowski Brothers, e lançado em 1999 pela Warner Bros., *Matrix* exponencia a ambiência da chamada Sociedade de Informação, para os adeptos da utopia do computador.

Herbert Schiller argumenta:

As novas tecnologias da informação foram desenvolvidas em, pelas e para as economias capitalistas avançadas – a dos Estados Unidos, em particular. É de esperar-se, por conseguinte, que elas estejam sendo agora usadas obstinadamente para servir a objetivos de mercado. O controle da força de trabalho, o aumento da produtividade, a conquista de mercados mundiais e a acumulação ininterrupta de capital são as influências dinâmicas sob as quais ocorre o desenvolvimento das novas tecnologias da informação.<sup>2</sup>

É incontestável, nos Estados Unidos e na Grã Bretanha, o interesse do governo pelo progresso da tecnologia da informação com fins militares e caráter capitalista. Em função disso se questiona a base teórica da idéia de uma *sociedade* dita de informação.

Não comparável à Revolução Industrial do século XIX, a sociedade de informação funciona como um mito para os que crêem em uma possível revolução:



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“A revolução da informação ainda não aconteceu e em parte alguma é visível, exceto nos escritórios de corretores de ações, banqueiros, mestres-espiões, meteorologistas e sedes de empresas transnacionais.”<sup>3</sup>

Yoneji Masuda, o principal expoente no que respeita ao conceito de sociedade de informação, Daniel Bell, estudioso da sociedade de massa, e outros que integram a

2. KUMAR, K. (1997), p. 43

3. Apud KUMAR, K. (1997), p. 44

chamada computopia, crêem num futuro diferente, do ponto de vista de maior prosperidade, felicidade e bem-estar. Mas, a rigor, trata-se apenas de um sofisma, do momento que esta será uma sociedade criada pelas e para as classes e nações ricas e poderosas.

São conhecidos os méritos da tecnologia da informação no que toca à sua notável velocidade de difusão como também à sua capacidade de produzir mudanças profundas nos costumes sociais. No entanto, essa nova tecnologia, ao invés de gerar novos padrões, se apóia em uma estrutura política e econômica que ratifica a estreita relação com os padrões que ainda continuam a ser considerados.

Ampliam-se e revigoram-se as desigualdades sociais, ao invés de erradicá-las. O trabalho e o lazer são mais industrializados e ainda submetidos a expedientes fordistas e tayloristas, do ponto de vista mecânico, rotineiro e racional.

Finalmente, “abre-se um novo ‘hiato de informação’ entre os produtores e os usuários da nova tecnologia e os que – cidadãos comuns, trabalhadores semi-especializados, países do Terceiro Mundo – são seus clientes passivos, compradores e consumidores”<sup>4</sup>.

Estabelecendo um confronto entre as trajetórias da sociedade da informação e a de *Matrix*, compreende-se o empenho contido na história deste filme, através do principal personagem, Morfeu<sup>5</sup>, que, ao invés de permitir que o homem seja escravizado pela máquina, vale-se dela para reconcebê-lo de maneira mais perfeita,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

mais harmoniosa e mais livre do que a simplesmente humana. É o próprio Morfeu (alusão ao deus dos sonhos), entretanto, que reconhece a frustração da busca, do momento que não conseguira realizar seu intento.

#### 4. Ibidem

5. Morfeu: hacker muito procurado pelos agentes e aquele que apresenta Matrix a Neo.

Através do computador, Neo, um *hacker* muito eficiente que atende simultaneamente pelo nome de Thomas Anderson, recebe um comunicado cuja significação é ignorada por ele. Neo descobre que o mundo em que vive não passa de uma ilusão, assim como o tempo (o ano em que realmente está, segundo Morfeu, é próximo de 2199). Por mais de uma vez se considera “ninguém”, o que, de certa forma, alude à sociedade contemporânea que reduz o ser humano a simples número na estatística de consumo.

No início do século XXI, os homens comemoravam a criação de uma Inteligência Artificial, a representação de sua primazia tecnológica. Porém, as máquinas assumiram uma postura própria, fugindo ao controle humano e entrando em guerra com seu criador. Os homens incendiaram o céu, com o objetivo de bloquear a luz do Sol, fonte de energia para as máquinas. No entanto, tal energia, sendo também essencial ao ser humano, obrigou-o a refugiar-se numa cidade subterrânea, Sião, próxima ao núcleo da Terra, único lugar ainda quente o bastante para viabilizar a vida humana. Sem energia solar, as máquinas “cultivam” os seres humanos para transformá-los em fonte de energia; e o ser humano passa a ser viável para que a máquina “sobreviva”.

A superfície do mundo se encontra completamente destruída, representada por um imenso deserto inóspito e gelado. E a função de Neo é destruir Matrix, terminando, assim, com o controle da máquina sobre a humanidade.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Em determinada passagem, Neo se encontra finalmente com Morfeu que lhe diz ver nele o “Escolhido”, afirmação já feita por Trinity, personagem feminina que interage emocionalmente com Neo, apaixonando-se por ele.

O referendo de Neo como “o Escolhido” remete a Cristo, como salvador do mundo. E será esta a missão de Neo, um novo Messias que chega. Observe-se nesta passagem a força de um contraponto de natureza sobrenatural diante de toda a materialidade tecnológica, que funciona como pano de fundo para o filme.

Partindo de um conceito de *Matrix* “como um mundo colocado diante de seus olhos para que não veja a verdade”, focaliza-se a alienação a que se chegou na contemporaneidade. O mundo atual é o palco dos poderosos que, muitas vezes, lançam mão dos meios de comunicação para mascarar a realidade e alienar uma população, que se torna mais fácil de controlar.

Morfeu leva Neo a conhecer o mundo “real”: “Bem- vindo ao deserto do real”. E explica a Neo como tudo aconteceu: a Inteligência Artificial, a guerra, etc. A IA seria uma consciência singular que gerou uma raça inteira de máquinas. Nesta cena pode-se fazer uma analogia entre o homem “incendiar” o céu, e o buraco de ozônio atual. É importante também que se ratifique, nesta passagem, a dependência histórica do homem em relação à máquina.

Mouse, o programador, tenta persuadir Neo a encontrar a “moça de vermelho”, incluída no programa que simula *Matrix*. A aparência das coisas no mundo atual que se virtualiza é uma das preocupações do capitalismo: é preciso seduzir o consumidor. Pode-se também, nesta cena, fazer uma breve ligação com o “homem perverso e sedutor” da Internet: por meio de relacionamentos virtuais, está-se sempre à procura de uma “moça de vermelho”.

Cypher, tripulante do *Nabucodonosor*, nome do barco de Morfeu, trai o patrão, entregando-o ao agente policial Smith. O grupo cai em uma cilada e Morfeu é capturado. Através do telefone, falando com Trinity, de quem tem ciúme, Cypher afirma que, se Neo é o “Escolhido”, ele será impedido de ser desconectado, não podendo, assim, cumprir sua missão. Mas Tank, nascido em Sião, mata o traidor.



Seguindo-se a esta cena, em diálogo com Morfeu, o agente Smith não se mostra contente com sua situação de homem-máquina, mas, ao mesmo tempo, faz críticas ao parasitismo humano com respeito à natureza de maneira geral, à relação egoísta com o planeta que o homem habita, levando-se em conta sua ação altamente destrutiva. Para Smith o homem é como se fosse um vírus, um câncer.

Neo e Trinity resgatam Morfeu. Neo é baleado em luta com Smith e salvo da morte pela fala e pelo beijo da apaixonada Trinity. Matrix se reduz, para Neo, à tela de um computador, e Neo volta ao barco, defendendo-o das sentinelas, máquinas com a função de detectar rebeldes e matá-los.

A cena do beijo constitui o clímax do enredo que expressa o grande paradoxo nele contido. Um filme do fim do século, que se evidencia por uma sofisticação tecnológica, se fragiliza diante de um sentimento humano: o amor. Constatase, pois, no contexto fílmico, a existência de um *eu* flutuante entre o real e o virtual, a instabilidade conseqüente da dinâmica social contemporânea e a vitória da reumanização do homem operada pelo Amor. O homem tem condições de fraternizar vida e morte, recalque e desejo e permitir que sua razão seja aberta e receptiva. A cultura pode tornar-se o resultado do amar, do criar e do saber, e não de algo desumanizado que implique, apenas, num processo cumulativo. Ela implica ordens, desordens e reorganizações por vezes aleatórias e imprevisíveis.

Vivendo com amor e sabedoria, o homem poderá ser mais tolerante e criativo, com a incansável capacidade de refazer-se de idéias e noções, que construam uma ética “para si” e “para os outros”. Por meio do seu afazer, poderá responsabilizar-se por uma transformação, ainda que paulatina, do *status quo* contemporâneo, que se apresenta predominantemente injusto, violento e cruel.

## BIBLIOGRAFIA

1. ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Perspectiva,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

2. BRAGA, José Carlos de Souza. O espectro que ronda o capitalismo.  
In: *Folha de São Paulo, Caderno Mais*, 01.09.96
3. CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro, Edit. UFRJ, 1997
4. CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 3ed. Trad. de Roseide Venâncio Majer com a colaboração de Klauss B. Gerhardt. São Paulo, Paz e Terra, 1999, vol. I, II e III. ISBN 85-219-0329-4
5. CHAPLIN, Charles. *Histoire de ma vie*. Paris, R. Lafont, 1964
6. FEATHERSTONE, Mike et alii. *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Trad. de Attilio Brunetta. Petrópolis (RJ), Vozes, 1994
7. FRIDMAN, Luís Carlos. *Vertigens pós-modernas. Constituições institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2000
8. HARVEY, P. *The conditions of Postmodernity: na inquiry into the origins of cultural change*. Oxford, Basil Blackwell, 1989
9. HEIDEGGER, Martin. *Serenidade* (Discurso comemorativo do 175º aniversário de nascimento do compositor Conradin Kreutzer). Messkirch, 30.10.55
10. HILL, Telenia. *L'homme dans la modernité: une histoire de mythes*. Paris, Sorbonne, 1990
11. ----- . *O trajeto da imanência*. 2ed. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996
12. KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna*.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Zahar, 1997

13. MESSERI, Andrea. *Il problema del potere nella società occidentale.*

Firenze, Sansoni, 1973

14. MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria.* Trad. de Edgard de Assis

Carvalho. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998

15. ----- . *Ciência com consciência.* 2ed. Trad de Maria D. Alexandre e Maria

Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998. ISBN

85-286-0579-5

16. ----- . *Ensaio de complexidade.* Porto Alegre, Sulina, 1997

17. ----- et alii. *O problema epistemológico da complexidade.*

Mira Sintra – Mem Martins (Portugal), Europa-América, 1996

18. NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra.* Lisboa, Presença, 1976

19. OLIVEIRA, M. A. et alii. *Cultura e liberdade.* Belo Horizonte,

Síntese, 1992

20. SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice.* 5ed. São Paulo, Cortez,

1999

21. SOROS, George. *Por uma sociedade global aberta.* In: *Rev. Veja.*

São Paulo, Abril, 24.12.97. Ano 30, n. 51

22. THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna.* Trad. Instituto de

Psicologia CUPRS. Petrópolis (RJ), Vozes, 1995

23. TOURAINÉ, Alain. *O canto de sereia da globalização.* In: *Folha de*

São Paulo, Caderno Mais, 14.07.96





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002